REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 250

1 DE DEZEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

A morte do rei de Hespanha foi o grande acontecimento imprevisto que veio de repente surprehender toda a Europa e occupar todas as attenções.

E effectivamente essa triste noticia abre um vastissimo campo a todo o genero de considerações, desde as mais profundas locubrações da alta philosophia social, até ás mais intimas sentimentalidades do coração humano.

Um rei que desapparece do throno, não deixando atraz de si, mãos fortes, energicas e varonis que ergam o sceptro que das suas mãos inanimadas cahiu, é um acontecimento de molde a fazer pensar profundamente os politicos, a gerar muitas preoccupações a infundir muitos receios.

Um rapaz que desapparece da vida, em plena mocidade, deixando atraz de si uma tradicção risonha e rapida de aventuras cavalheirosas, e de alegre emprego aos seus vinte e oito annos de rei e de rapaz, é um caso para fazer entristecer todos aquelles que são susceptiveis de se entristecerem com os males alheios, e que defronte de todos os caixões que se fecham e de todas as covas que se abrem, tem no coração e nos labios mais alguma cousa do que essa phrase terrivelmente synthetica da humanidade: — Antes elle do que eu!

Como homem e como rei, Affonso XII exposto embalsamado na sala das columnas do Palacio do Oriente, dá muito que pensar, dá muito que sentir.

A morte de um rei é sempre um acontecimento grave para a vida politica da sua nação, a morte de Affonso XII é um acontecimento gravissimo para a vida politica de Hespanha pelas condições excepcionaes d'essa propria Hespanha, pelas circumstancias especiaes da morte d'esse rei.

Quando a morte de um rei é esperada, quando esse rei que cae do throno no tumulo deixa herdeiro habil, energico, intelligente, já meio amestrado na difficilima arte de governar os homens e de governal-os nos fins do seculo XIX, na occasião em que os novos ideaes politicos enchem por ahi quasi todos os cerebros, quando a corôa que vaga, é de ha muitos annos, de ha muitos seculos herança de familia por direito divino, que o respeito e assentimento de muitas gerações transformaram em vontade do povo sob o pseudonymo harmonioso da «graça de Deus» a morte d'esse rei produz sempre um certo abalo no paiz, origina uma certa excitação que depressa passa, e tudo volta em breve aos antigos moldes. *Le roi est mort, vive le roi*, e está dito tudo.

Se me permitem uma comparação um pouco extravagante, é como nas capellas particulares quando ha festa que chama grande enchente.

Em cima, para lá da teia ha um logar reservado para a familia do dono da capella, da teia para baixo é para o publico.

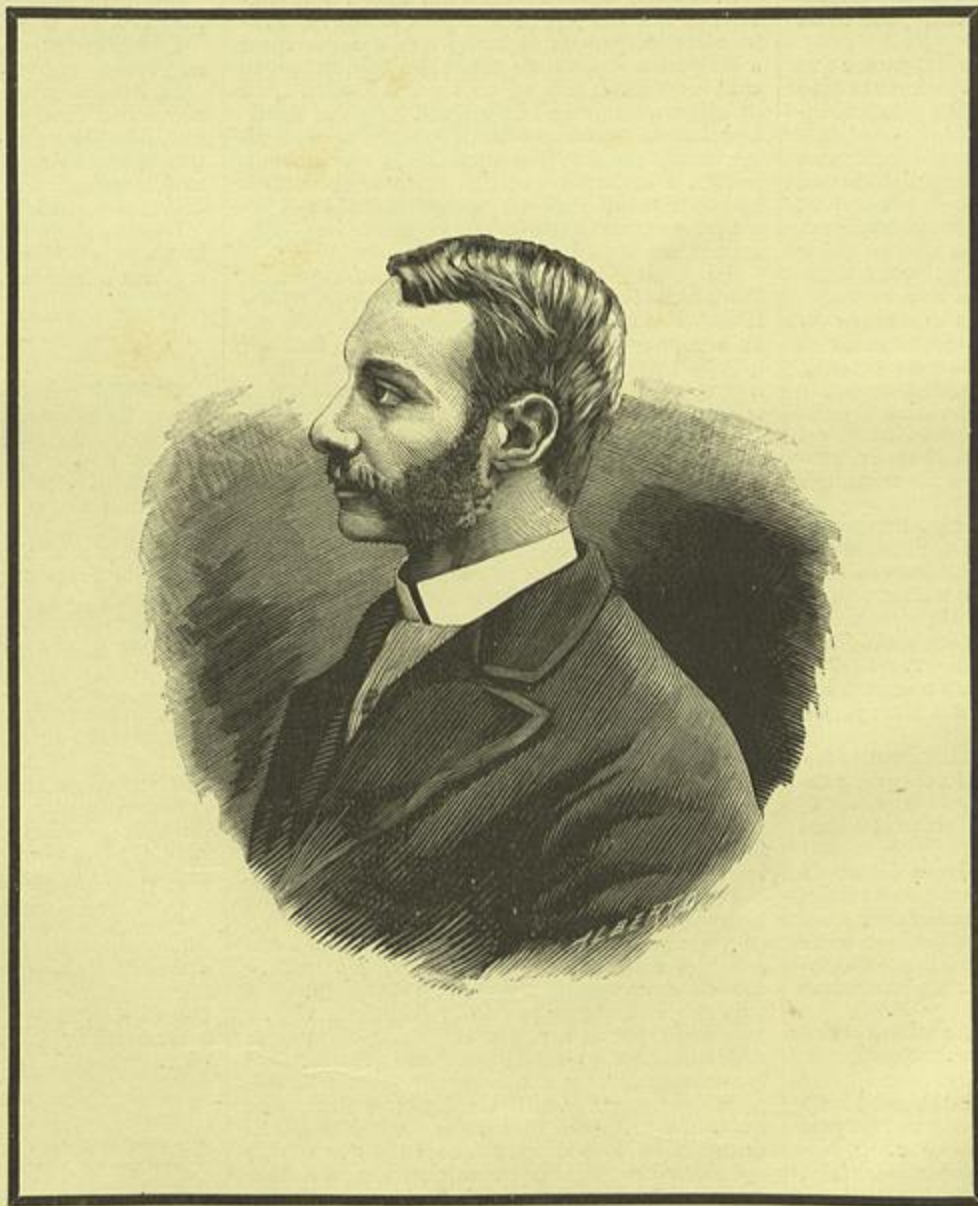
A capella está cheia, o povo acotovella-se á porta, todos querem o melhor logar. De repente vaga um logar lá em cima — no espaço reservado aos donos; o publico agita-se, tinha vontade de ir para esse logar, mas ninguem ousa avançar um passo para esse logar que não é seu, que sabe que não lhe pode pertencer, e que é para a familia do dono da capella.

E quem essa familia quer é que vae occupar esse logar; o povo pode sympathisar mais ou menos com essa pessoa, mas como o logar lhe pertence a ella, elle resmunga, mas deixa-se ficar apertado, aos cotovellões, cá em baixo.

Mas que não seja assim, que a capella seja de todos e que todos percebam que o logar melhor não pode ser reservado, que é para quem tiver mais habilidade ou mais força!

Se lá está alguem que tem conseguido passar atravez da multidão, e que sabe manter-se n'esse logar conquistado, cá por baixo ha de vez emquando certo rumor, certo tumulto, uns vão empurrando os outros a ver se se approximam mais da teia, mas em summa, não se atrevem, assim sem mais nem mais, a pôr fóra quem lá está em cima.

N'isto, o logar vaga. Agora o vereis! Cada qual trata de o apanhar, empurra, acotovella, atropella é uma balburdia dos demonios, ninguem se entende, todas jogam as christas, e o mais forte ou o mais esperto é que consegue abrir caminho, conquistar o logar, mas Deus sabe quando, e a custo de quantos atropellamentos.

A Hespanha está no caso d'esta capella: os logares reservados aos donos já lá vão ha que tempos! A revolução de 1868 tirou-lhes o lenço que a familia Bourbon puzera a marcal-os no começo do seculo XVIII. D. Affonso XII se quiz rehaver o seu logar, teve de ir para elle pelo braço de Martinez Campos e de Jovellar. A tradicção hereditaria da dynastia bourbonica foi ainda não ha vinte annos violentamente quebrada pela revolução e não nos parece que ella esteja agora de novo

D. AFFONSO XII, REI DE HESPANHA — FALLECIDO EM 25 DE NOVEMBRO DE 1885

muito firme, quando tem a fazel-a respeitar ou uma menina de cinco annos, ou um varão, que é ainda um feto no ventre maternal.

E depois a regencia nas mãos de uma senhora e de uma extrangeira, e depois o poder ambicionado, namorado, por dois amantes fogosos, que não recuarão deante da violencia, os carlistas e os republicanos, a idéa velha e a idéa nova, aquella estribada ainda no direito divino, esta estribada no direito dos homens, aquella tendo por dogma o absolutismo, esta tendo por evangelho a democracia.

E estas duas forças egualmente poderosas na Hespanha de hoje, o Carlismo muito mais do que era de prever attenta as idéas liberaes que invadem o mundo moderno, a republica, muito mais do que se podia esperar de um paiz ainda hoje, nos ultimos annos do seculo XIX, fortemente fanatisado aqui e alli pelo clericalismo, desenham interrogações mysteriosas em torno do berço em que dorme essa creança que ha de esperar ainda dois mezes para saber se a corôa de Hespanha lhe pertence de direito, e que ha de esperar ainda treze annos, para saber se ella lhe pertence de facto.

Treze annos! como isto é longo! Em sete, teve a Hespanha trez reis e uma republica!

Mas deixemos lá os politicos meditarem sobre a sorte da Hespanha, perderem-se em conjecturas sobre o seu futuro, calcularem probabilidades ácerca do governo que triumphára definitivamente entre todos esses partidos que de ha muito manifestaram claramente as suas ambições, e que mais as accentuarão agora, que Affonso XII vae dormir o eterno somno para esse pezadissimo tumulo que se chama o Escurial.

Não nos importemos com a morte do chefe politico e com a herança pezada do rei, vejamos a morte do homem e legado triste do pae.

Foi bem infeliz no fim de tudo, esse homem que tão invejado era em vida!

Parece realmente, que as dissensões que havia cá em baixo entre os partidos ácerca do rei Affonso, havia tambem lá em cima, entre os destinos, n'esse reino mysterioso do Acaso, ácerca da sorte d'esse pobre rapaz.

Como nas velhas historias de fadas, parece que algum genio bom o protegia, mas que a sua acção benefica era passo a passo combatida pela influencia sinistra de algum genio do mal.

Affonso nasce n'um throno dos mais brilhantes da Europa, é herdeiro de uma corôa poderosa, mas eis que de repente o seu genio mau triumpha, e o pobre principe vê a sua realeza cahida, é expulso da patria como um malfeitor, tem que fugir como um bandido ao odio da populaça, aos furores da revolução.

E os annos risonhos da mocidade passa-os no exilio, o futuro que lhe sorrira radiante cheio de pompas e de gloria, assombrea-se de repente, anuvia-se de incertezas, de perigos, de ameaças.

Depois o seu genio bom vence na lucta. O principe exilado volta para o seu throno como rei triumphador. A monarchia restabelece-se, um porvir cheio de encantos surge ante a sua mocidade radiosa.

Casa com a eleita do seu coração, com a mulher que adora loucamente, e durante mezes não ha no mundo lua de mel de namorados mais feliz, mais tranquilla, mais deliciosa, que a d'esses juvenis noivos reaes.

Mas a lucta dos destinos não parára ainda. O espirito mau tem por sua vez a palavra, e a pobre rainha Mercedes é arremessada para o sinistro Escurial, quando começava quasi que a viver para o mundo.

Passam-se annos: as dôres mais lancinantes curam-se com o balsamo infallivel do tempo: a felecidade sorri de novo ao rei de Hespanha nas doçuras de um novo enlace, nas alegrias santas da paternidade.

E aos 28 annos quando um largo futuro se abria ainda ante esse feliz pae, esse feliz marido, esse feliz rei, a morte vem brutal substituir a essas esperanças risonhas do porvir, a realidade triste do tumulo, e a estrella de Affonso XII que tão incerta brilhara sempre, apagou-se de vez para nunca mais radiar!

Triste sorte a d'esse pobre rei e a d'esse pobre rapaz!

A morte de Affonso XII fez grande sensação no mundo inteiro, já pela mocidade do rei, já pela situação grave da Hespanha.

Em Lisboa essa morte causou profunda tristeza, tristeza verdadeira, tristeza de coração, completamente alheia a quaesquer considerações politicas.

D. Affonso XII era muito conhecido dos portuguezes: ha muito pouco tempo ainda que elle esteve de visita em Lisboa e o seu bello ar, a simplicidade despretenciosa das suas maneiras, a sua mocidade jovial e alegre captaram-lhe logo todas as sympathias.

Depois, todos os portuguezes que iam a Madrid e que se encontravam com o rei, eram por elle tratados muito affectuosamente, com uma grande bonhomia alegre que faz immediatamente amigos.

E nós não queremos saber se tinha ou não defeitos como rei, não temos nada com isso, gostavamos do homem e foi a morte do homem que nos impressionou a todos, que o conheciamos.

O rei de Hespanha, lamente-o e discuta-o quem quizer, o que nós choramos é o Affonso de Bourbon, esse bello e alegre rapaz que ha poucos annos vimos em Lisboa e em Madrid radiante de mocidade e de ventura, e que hoje dorme para sempre o grande somno implacavel, o somno de que nunca mais se accorda, e que todos nós havemos dormir.

Gervasio Lobato.

D. AFFONSO XII

Ainda hontem acclamado, ainda hontem duas vezes noivo, ainda hontem serenando as ondas revoltas de um paiz que vive em constante agitação, ainda hontem presidindo aos destinos de um povo, acompanhando-o em todas as vicissitudes por que tem passado, e hoje morto, rudemente arrancado á patria, á esposa, ás filhas, e lançado para a solidão do tumulo, na primavera da vida, deixando apoz si o luto, e as mais negras nuvens a toldar o bello ceu peninsular do seu paiz.

A Hespanha sempre mais ou menos accesa em luctas, parecia ter-se quedado um pouco sob o governo do moço rei, que era uma garantia da estabilidade da monarchia, e que continha em respeito as ambições dos differentes partidos que se agitam no seu seio.

D. Affonso não lhe pudera dar toda a tranquilidade de que um paiz precisa para prosperar e robustecer-se, porque os males que desassocegam a Hespanha não são de natureza a conjurarem-se completamente; tem ligações muito fundas, quasi de origem, ou mesmo de origem, e para se debellarem seria mister profundas transformações no seu modo de ser; tão melindroso emprehendimento, e arriscada execução, não seria decerto commettimento para um monarcha ainda mal firme n'um throno que tanto tem oscilado aos impetos das revoltas.

Independente d'estas circumstancias especiaes, D. Affonso XII deu ao seu paiz toda a paz, toda a felicidade e toda a serenidade que um rei pode dar ao seu povo, porque D. Affonso reunia todas as qualidades precisas a um rei constitucional, tanto n'uma grande illustração de espirito, como n'uma sabia prudencia e amor do povo.

Nos recentes cataclismos que tem ferido a Hespanha, deu D. Affonso provas irrefragaveis de quanto comprehendia e sentia a sua missão de rei, amante do seu povo, procurando minorar-lhe quanto em si cabia, os soffrimentos que o affligiam, soccorrendo o elle proprio, animando-o com a sua presença e com as suas palavras, e partilhando emfim das suas desgraças.

Ainda o solo oscillava aos abalos do ultimo terramoto, e quando as serras se cobriam de neve, D. Affonso esquecendo o seu proprio mal, e atravez da tormenta de um inverno rigoroso, transportava-se aos lugares da dôr e da desolação, a valer aos desgraçados, e a inspirar coragem ao pôvo abatido e aterrado por tanta infelicidade.

Ainda não quedara a terra convulsa, e mal tiravam de entre as ruinas os ultimos cadaveres insepultos, já se erguia horrendo e devastador o phantasma do cholera, fulminando, na sua carreira brutal, centenares de vidas. É ainda D. Affonso, com a saude fortemente abalada, que não soffre o ficar indifferente aos males que aniquillam a nação, e vae aos centros da morte, com uma coragem espartana, encorajar o seu povo prostrado, e mostrar-lhe o quanto sentia a sua desventura.

E o rei ia em tudo isto arriscando a vida, e esta ia-se pouco a pouco esvaindo; e como se não bastassem os cataclismos da natureza, para lhe amargurarem a existencia do seu infeliz reinado, agitava-se aqui e acolá, alli e além, uma ou outra tentativa de revolta, e por fim uma complicação internacional que veio pôr o paiz em alarme e incital-o a uma guerra com a Allemanha, que felizmente a diplomacia parece ter desarmado.

Depois d'isto pode-se bem considerar que D. Affonso XII morreu martyr do seu officio de rei!

*
* *

A sorte fôra-lhe adversa desde o nascimento. O filho de Isabel II teve que abandonar com sua mãe a patria, logo aos primeiros annos da sua juventude, diante da revolução que acabava de derrubar do throno de S. Fernando D. Isabel II, e com ella toda a dymnastia dos Bourbons.

Contava apenas 11 annos o joven principe que nascera a 28 de novembro de 1857.

Fez a sua educação no exilio e annuviavam-lhe os alegres annos da juventude, as tristes scenas da guerra civil em que a patria se debatia.

Passados sete annos de luctas continuadas, em que se revolveram todas as ambições mal soffridas da politica, foi D. Affonso proclamado rei de Hespanha por abdicação da rainha D. Isabel II, sua mãe, recebendo o poder das mãos do general Serrano duque de La Torre, em 1875.

Principiou o seu reinado no meio da guerra carlista que ainda assollou a Hespanha por largo tempo.

Quando os ultimos morrões das baterias inimigas se apagaram, deixando a nação em paz, tratou-se do consorcio do rei como complemento indispensavel para a consolidação do throno.

Por uma coincidencia que raras vezes se dá nos casamentos dos monarchas, que na maioria dos casos tem de obedecer ás conveniencias politicas, aconteceu que a esposa escolhida para o joven rei, não era só uma rainha, era uma esposa amada com todo o enthusiasmo de dois jovens namorados.

D. Maria das Mercedes, filha dos duques de Montpensier, realisava para D. Affonso, um complemento de felicidade intima, que só dá o verdadeiro amor de dois corações que se comprehendem e que vivem um para o outro.

Este idylio, porém, teve a vida das rosas, o alvo veu nupcial que cobrira a gentil rainha em 23 de janeiro de 1878, trocou-se em negra mortalha, em 26 de junho d'esse mesmo anno. D. Affonso estava viuvo.

Até no seu coração de esposo a sorte não o poupava.

Entretanto o rei precisava casar porque o throno precisava um legitimo herdeiro.

D. Affonso contrahiu segundas nupcias a 29 de novembro de 1879, com a rainha D. Maria Christina, filha do archiduque Carlos Fernando d'Austria, e a nova rainha levava ao coração do desditoso monarcha toda a consolação que uma esposa dedicada e virtuosa póde dar a um homem.

D'este enlace nasceram duas filhas, a primeira D. Maria das Mercedes, princeza das Asturias, e a segunda a infanta D. Maria Thereza.

*
* *

O difficil reinado de D. Affonso XII não podia deixar de trazer graves consequencias para a compleição fraca do monarcha, e essas consequencias acabam de ter um desenlace triste, que a todos surprehendeu pela rapidez com que se consummou, mas que por muitos era esperado, embora não tão precipitadamente.

Hoje do infeliz monarcha só resta um cadaver e em volta d'esse cadaver a viuvez e a orphandade prematura.

Uma rainha louca de dor procura inutilmente reanimar o ente querido ao contacto do seu halito abrazador, e nem póde dar todo o desafogo á sua magua, porque se para ella morreu o esposo, para a nação morreu o rei «e viva o rei»; ella tem que se sentar no throno por sua filha, e presidir aos destinos do seu paiz, sob as densas nuvens que se accumulam no horisonte da patria.

Guarda a tua dor, mulher, que és rainha e tens de velar pela lei, tens que amparar o embate das paixões, que como as ondas da praia vem quebrar-se de encontro aos degraus do throno.

E é esta a triste verdade da realeza!

Quando a extensa fileira do prestito funebre, que acompanha o regio feretro, se perder sob as naves do Escurial, uma outra fileira, talvez, surja d'entre as montanhas de Navarra a levantar o facho da guerra civil.

Que Deus preserve a Hespanha de mais provações.

C. A.

O CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

O conselho superior de instrucção publica, cuja primeira sessão plenaria annual se realisou em outubro passado, conforme o OCCIDENTE deu noticia na sua chronica por esse tempo, é uma das mais

importantes, mais sabias e mais bem elaboradas leis que n'estes ultimos annos teem sido postas em vigor no nosso paiz.

Como toda a gente sabe, a instrucção publica é a base imprescindivel de todos os melhoramentos e progressos de um povo, é a pedra fundamental d'essa grande e sublime coisa que se chama *civilisação humana*.

É pela instrucção publica que devem começar todas as grandes reformas d'um paiz, é na boa administração do ensino primario, secundario e superior que está o segredo de todos os progressos solidos, perduraveis e uteis, o segredo de todo o futuro dos povos modernos.

Não ha divergencias nem desaccordos sobre esta verdade profunda e axiomatica, a difficuldade grande porém está na maneira pratica de conseguir melhorar dia a dia a instrucção publica, de auscultar todos os defeitos, que *entravam* os seus progressos, de astudar a fundo todas as suas deficiencias, todas as suas necessidades, para occorrer promptamente a essas necessidades, para fazer desapparecer pouco a pouco essas deficiencias.

O estudo da instrucção publica não póde ser feito por um só homem, embora esse homem possua todas as mais altas qualidades de espirito e de illustração, embora seja devotadissimo a essa santa causa, embora não tenha outra coisa em que occupar todas as horas da sua vida.

Em quasi todos os paizes liberaes, em quasi todas as constituições modernas, ha um ministerio especial para tratar dos negocios da instrucção publica, e mesmo entre nos já houve durante mezes uma pasta especial consagrada a esses negocios.

Depois veio a politica, e o ministerio da instrucção publica volveu a encorporar-se no ministerio do reino.

Com certeza que ninguem combate hoje a necessidade e as vantagens de se operar de novo esse desdobramento de ministerios; entretanto a creação de uma pasta de instrucção publica nunca seria uma garantia seria para a boa administração do ensino senão desde o momento em que essa pasta se considerasse perfeita e completamente fóra da politica, e que o ministro que d'ella fosse encarregado estivesse inteiramente alheio ao jogo dos partidos, ás luctas parlamentares, e pudesse dedicar-se de corpo e alma ao estudo e á pratica dos assumptos inherentes ao seu ministerio.

Dado o nosso modo de ser politico, o mecanismo do nosso governo, comprehende-se facilmente que isto não pode passar de uma bella phantasia irrealisavel, de uma utopia de sonhador.

E sendo assim, entregue aos baldões da politica a pasta da instrucção publica, mudando de ministro, quando os ministerios se succedem, a creação de um ministerio especial de instrucção publica não adeantaria nada, ou adeantaria pouco á causa da instrucção.

A creação do conselho superior de instrucção publica, decretada em 23 de maio de 1884 pelo actual ministro do reino, o sr. conselheiro Barjona de Freitas, um dos mais extraordinarios talentos do nosso paiz, veio felizmente dar á administração da instrucção publica uma fórma séria, essencialmente moderna, essencialmente liberal, e cujos effeitos salutares se hão de sentir em breve.

A organisação do conselho superior de instrucção publica é um trabalho perfeitissimo, que só podia ser concebido e elaborado por um homem que, a uma intelligencia excepcional, juntasse um profundo conhecimento do assumpto, um estudo demorado, persistente, dedicadissimo, de todos os trabalhos que os legisladores mais illustres teem produzido em materia de instrucção publica.

O auctor d'essa sabia lei foi o sr. conselheiro Jayme Moniz, o illustre professor do curso superior de lettras, que, sendo uma das primeiras capacidades do nosso paiz, se tem affastado com uma rara isenção da vida activa da politica, para se dedicar de corpo e alma ao estudo das altas questões difficilimas da instrucção publica, para conceber e elaborar uma lei, que tem de excepcional não levar em mira nenhum interesse politico, nenhum interesse individual, e apenas e unicamente o interesse do seu paiz.

O conselho superior de instrucção publica é a instrucção publica administrando-se a si propria: é a instrucção publica reunindo-se annualmente representada por delegados de todos os seus variados ramos, desde os cursos superiores até á instrucção primaria, desde os collegios particulares até ás universidades officiaes, a expor as suas necessidades, a estudar os modos de occorrer a ellas, a confessar as suas insuficiencias e a preparar os seus progressos.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

ARTE DA GUERRA

O TORPEDEIRO SUBMARINO NORDENFELDT

Cada dia vão apparecendo novos inventos para destruição da humanidade, e que obrigam os governos dos differentes paizes a adquiril-os, para se armarem para o caso deguerra, a poderem fazer, senão com egual numero de homens, ao menos com armas eguaes.

D'aqui resulta uma industria e um commercio que não é para invejar, mas que em todo o caso occupa braços e levanta capitaes que melhor fôra que se empregassem em obras de beneficio para a humanidade do que em obras de destruição.

As recentes experiencias realisadas entre Landskvooa e Helsingber pelo sr. Nordenfeldt, com um barco torpedeiro de sua invenção, demonstraram a possibilidade da navegação submarina, a qual era um problema muito simillhante ao da direcção dos balões, tambem em via de resolução pratica.

Se encararmos a descoberta só por este lado, achamol-a da mais alta importancia e poderá ella ser applicada para fins muito uteis, mas se a encararmos pela applicação pratica que o seu auctor lhe dá, só temos que dar pesames á humanidade por mais um invento que ameaça destruil-a.

O invento do sr. Nordenfeldt, consta de um barco em fórma de um charuto colossal, e que se póde conservar e navegar debaixo de agua por espaço de seis horas, sem inconveniente para os seus tripulantes.

As gravuras que publicamos a pag. 272 demonstram de um modo claro a construcção d'esta nova machina de guerra.

O barco tem 19,50 metros de comprimento e 3,65 metros na sua maior largura. No centro levanta-se uma pequena torre coberta de crystal que serve para o commandante explorar o horisonte quando o barco fluctua á flor de agua, e que é ao mesmo tempo a unica entrada e sahida que o barco tem.

Um élice collocado na parte posterior, e dois aos lados, permittem o barco emergir-se dentro d'agua á profundidade de 5,30 metros e vir ao de cima com a maior facilidade.

As machinas empregadas são de systema ordinario não offerecendo nenhuma particularidade. As caldeiras comportam agua necessaria para produzir a porção de vapor sufficiente para uma marcha de 16 milhas, sem necessidade de renovo.

Tem duas poderosas bombas aspirantes e repellentes que funccionam, ora recebendo agua para as caldeiras, ora expelindo a que entra no barco.

Os torpedos são collocados na parte dianteira, na qual ha uma abertura movel, como se póde ver na gravura, e por onde é lançado o torpedo.

A tripulação consta de seis homens, incluindo o commandante, e dentro do barco ha o ar sufficiente para respirarem durante seis horas, findas as quaes o barco vem á superficie da agua fornecer-se de ar novo.

O sr. Nordenfeldt é tambem inventor das metralhadoras e canhões de tiro rapido que tem o seu nome Este homem é um arsenal de armas para matarem a humanidade da fórma mais simples e rapida.

A.

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Continuado do n.º 247)

Não vale a pena discutir agora a resolução do governo, que pela nossa parte não hesitamos em approvar no sentido d'elle ou do paiz não concorrer *officialmente* á exposição.

Menos discutiremos ainda a circumstancia que a alguns ingenuamente pareceu singular,— como se houvesse alguma cousa singular n'este pobre mundo!— de fazer parte do gabinete que resolvia não devermos concorrer á exposição de Antuerpia, em 1884, o sr. Bocage, que em 1882 firmava como presidente da Sociedade de Geographia, as primeiras instancias para que não deixassemos de ir á exposição de Amsterdam.

A resolução indicada não agradou geralmente, mas tambem não suggeriu protestos. Ficou assente: — não se concorreria *officialmente* a Antuerpia. Communicara-se isto ao governo da Belgica.

Mas poderia concorrer-se particularmente, officiosamente, como quem não pretende e não pode representar o paiz, ou as colonias; como quem vae com o que tem á mão ou com o que pode reunir e apurar de prompto.

A questão consistia em poder alugar alguns metros no edificio ou no terreno da exposição, reunir productos, custear as despezas do transporte, da guarda, da exhibição d'esses productos. Uma questão de alguns contos de réis, em todo o caso.

Quando dois annos antes se estudára e fizera o orçamento da nossa concorrencia simplesmente officiosa, modesta, mas em todo o caso rasoavel e digna, á exposição de Amsterd m, sob a direcção da Sociedade de Geographia, essa questão fôra valorisada, com todos os cuidados e precauções de uma severa economia, em 25 contos de réis.

O Banco Nacional Ultramarino, collocado pela sua natureza e pelas condições actuaes, um tanto forçadas, do seu movimento, na situação de principal agente e collector do commercio africo-portuguez,— tendo feito na Exposição Agricola de Lisboa uma exhibição interessante de productos coloniaes, não podia deixar de acolher com particular sympathia,— á parte mesmo o patriotismo esclarecido da sua administração, a idéa ensaiada em 1882 e renovada em 1884. Se n'aquelle primeiro anno nada podera fazer por tornal-a viavel, agora advogava-a dedicadamente junto do governo, insistindo nas vantagens praticas e opportunas da nossa apparição em Antuerpia.

Para que tudo favorecesse d'esta vez essa idéa, entrara havia pouco para a gerencia superior dos negocios ultramarinos um homem novo, cheio de talento e de vontade, o sr. Pinheiro Chagas, que não podia deixar de comprehender aquellas vantagens, que não precisava que lh'as dissessem, e que soube resolver pelo segundo termo proposto, que era realmente o mais pratico e o menos perigoso,— além de ser já o unico regularmente viavel,— o empenho que era d'elle tambem, de que se affirmasse no certamen de Antuerpia... a nossa existencia colonial.

Em 15 de setembro, a Sociedade de Geographia de Lisboa dirigia-se ao illustre ministro, expondo-lhe as duas hypotheses apresentadas ao seu collega das obras publicas, e ao seu antecessor de 1882, a da concorrencia directa, official, do paiz e a da concorrencia officiosa por iniciativa e responsabilidade da Sociedade;— recordando a resolução do governo, e accrescentando o seguinte:

—«Podendo comtudo suppor-se que esta resolução não seja extensiva á comparencia n'aquella exposição de alguns productos coloniaes, ou a uma representação que já não pode deixar de ser modestissima, das nossas possessões ultramarinas, entendemos para completa satisfação dos desejos manifestados por muitos dos nossos consocios, dever repetir a v. ex.ª a manifestação que fizemos ao seu ex.mo collega, da boa vontade que anima sempre e em geral a nossa Sociedade, de poder ser util ao paiz e bem servir os patrioticos intuitos do governo do Estado, prestando-se, no particular assumpto a que nos estamos referindo, a proceder como o elevado criterio de v. ex.ª julgue conveniente para que o nosso commercio, industria e capacidade colonial não deixem de se fazer lembrados n'uma exposição tão importante e opportuna como aquella que se organisa em Antuerpia.»

So em 22 de outubro, respondeu pelo Ministro a Direcção Geral do Ultramar, mas a questão achava-se já resolvida como se conta no documento seguinte, que por dizer assim, faz a historia d'essa solução e fixa fundamentalmente os termos em que ella se acordou. É a acta da nova sessão da Secção de geographia commercial da Sociedade, que a direcção entendera sempre dever consultar no assumpto e encarregar de o resolver:

Acta da Secção de Geographia Commercial, em 24 de outubro de 1884

Aos 24 de outubro de 1884, na sala da direcção e das sessões da Sociedade de Geographia de Lisboa, se reuniu, por convocação da Mesa da Sociedade, a secção de Geographia Commercial d'esta, sob a presidencia do sr. H. Midosi.

Aberta a sessão ás 8 horas e meia da noite, o sr. Presidente deu a palavra ao sr. Luciano Cordeiro, secretario da Sociedade encarregado por parte da Mesa, de communicar o fim para que fôra convidada a Secção.

O sr. Secretario expoz que o fim da convocação era para que a Secção tomasse conhecimento das diligencias feitas e da correspondencia trocada com o governo relativamente á exposição de Antuerpia, e no caso de conformar-se com o estado da questão e com as ultimas sugestões do governo, quizesse nomear a Commissão que ficaria encarregada de organisar e dirigir a exposição da Sociedade no proximo certamen internacional.

Passou a ler o officio dirigido pela Mesa da Sociedade ao governo, pelo ministerio das obras pu-

blicas, commercio e industria, em 3 de julho ultimo, e a resposta d'elle, de 24 de egual mez.

Continuando com a palavra, expoz que em meado do mez passado fôra procurado pelo sr. Tito de Carvalho, em nome de S. Ex.ª o ministro do Ultramar, e logo em seguida se encontrára com este, communicando-lhe ambos que o Banco Nacional Ultramarino diligenciava junto do governo, como o fizera a Sociedade, que as nossas colonias não deixassem de concorrer com alguns productos á exposição de Antuerpia; — que S. Ex.ª o o ministro punha n'isto, tambem, particular empenho, tendo obtido do resto do governo annuencia a que procedesse no sentido indicado.

Mas que não podendo já o governo concorrer directa e officialmente, nem convindo que o fizesse, e desejando apenas auxiliar uma concorrencia officiosa, S. Ex.ª o ministro não desejaria que ella fosse determinada e exclusivamente organisada sob o nome de uma empreza commercial como era o Banco, subvencionando-o o governo, visto que o mesmo Banco, prestando todo o seu auxilio e diligencias, não concorreria com as despezas necessarias.

Finalmente que S. Ex.ª o ministro, e o proprio Banco, entendiam que por accordo com a Sociedade de Geographia, e tomando esta a si, como se offerecera fazer, a exposição, se obteria o resultado vantajoso e pratico de levar a Antuerpia uma representação condigna das nossas colonias, não

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

Conselheiro Jayme Moniz
(Vice-presidente)

Conselheiro Dr. Magalhães Coutinho

Dr. Thomaz de Carvalho

Conselheiro João de Andrade Corvo

Conselheiro Dr. Antonio José Teixeira

Conselheiro Antonio Maria de Amorim

se podendo estranhar que o fizesse, subvencionada pelo Estado, uma Sociedade de estudo e de propaganda colonial, que não possuia recursos proprios e cujos intuitos eram sómente servir o paiz e o melhor conhecimento e desenvolvimento das nossas possessões. Que por isso, e em vista d'esta nova phase das cousas, desejára S. Ex.ª que a Sociedade repetisse a sua primeira suggestão e offerecimento pelo ministerio do Ultramar, dizendo haver n'isto a maior urgencia porque estava a findar o praso para as admissões na exposição, tendo já o Banco iniciado, d'accordo com o governo, as negociações para acquisição de terreno e construcção de um pavilhão.

Que em virtude do exposto se dirigira ao sr. ministro do Ultramar o officio de 15 de setembro, que passou a ler, recebendo-se hontem o de 22 do corrente.

Que á Mesa se affigurava que sendo valiosissimo o auxilio do Banco Ultramarino, cujos directores contavamos entre os nossos mais dedicados consocios, e que assegurado o patrocinio e auxilio do governo particularmente pelo que respeitava ás despezas a fazer, estava satisfeito o empenho que manifestáramos já, por occasião da exposição de Amsterdam, com tanto incitamento e louvor dos nossos consocios, da imprensa e do commercio nacional, achando-se a nossa Sociedade obrigada a levar por diante a idéa e a prestar mais este serviço ao paiz, para o que a Mesa contava com a dedicada cooperação da Secção, á qual entregava o assumpto.

Obtendo a palavra, o sr. Oliveira Chamiço disse que, como governador do Banco Ultramarino e em nome dos seus collegas n'aquelle estabelecimento, sempre dedicado á causa do desenvolvimento das nossas colonias, folgava declinar na Sociedade de Geographia, tão justamentu acreditada pelos serviços prestados á mesma causa, a negociação e projectos das suas persistentes diligencias para que essas colonias não deixassem de ser lembradas no grande certamen de Antuerpia, idéa

que lhe parecia altamente vantajosa e opportuna, e de grandes consequencias para o nosso commercio e para o nosso bom nome colonial. Que vendo que o governo resolvera não concorrer directamente, elle e os seus collegas do Banco, haviam resolvido fazer uma esposição em Antuerpia, approximadamente como a que haviam feito na exposição Agricola de Lisboa, e quer porque a natureza e circumstancias do estabelecimento os não auctorisava a fazer consideraveis despezas, quer no pensamento de dar o maior lustre e proveito á realisação da idéa, diligenciára junto do governo para que a patrocinasse, offerecendo-se o Banco a correr com os trabalhos de reunir e organisar a exposição, e tendo já negociado a acquisição de terreno e projectado a construcção d'um pavilhão, por intermedio do seu dedicado correspondente em Antuerpia, o sr. Van Geetruyen. Desde porém que o seu empenho estava assegurado, só tinha a congratular-se por vel-o entregue á Sociedade, de que se honrava de ser membro, e affirmar toda a cooperação por parte do Banco, aos seus consocios e á Commissão que fosse nomeada.

Expoz em seguida o estado das diligencias e negociações relativas ao terreno a adquirir na exposição e ao pavilhão que teria de construir-se.

Consultada a Secção pelo sr. Presidente sobre se concordava com as idéas expostas no sentido de que a exposição se organisasse, em vista das declarações do governo, nomeando-se uma Commissão executiva, que pela Sociedade tomasse a direcção d'ella, resolveu-se affirmativamente por unanimidade.

O Secretario Pequito disse que quando se tratára da exposicão de Amsterdam, a Secção Commercial procedendo por alguns dos seus membros, entre os quaes o sr. Moreira Marques, ao orçamento das despezas estrictamente necessarias, que a Sociedade podesse levar alli uma secção de productos coloniaes portuguezes, como vae fazer agora á exposição de Antuerpia, reconhecera que não teria de gastar menos de 25 contos, parecendo ainda insufficiente esta verba, e julgando-se mais seguro eleval-a a 30 contos, apezar de todas as economias. Havia uma evidente vantagem publica que então, como agora, se fizera sentir, em evitar a concorrencia directa e official do paiz, por esta especie de representação officiosa e indirecta feita pela Sociedade de Geographia: não só porque as responsabilidades eram menores, e podia dizer-se que não incidiriam sobre o paiz, mas por que uma exposição official obrigaria a despezas consideravelmente maiores, no seu pessoal, na sua installação, etc. Convinha comtudo que o governo fixasse uma verba, e não imaginasse que uma subvenção insignificante bastaria para que a Sociedade fizesse a sua exposição, porque ella a não faria se não fosse digna de si e do paiz, nem em tal caso valera a pena e o encommodo de encetar os trabalhos.

Concluindo, propoz que a Commissão executiva ficasse composta dos socios os srs. Francisco de Oliveira Chamiço, Francisco dos Santos, Luiz Diogo da Silva, Diogo Patrone Junior, Antonio de Castilho, e dos mais socios que ella entendesse ou precisasse aggregar no decurso dos trabalhos.

O sr. Luciano Cordeiro pediu para additar a proposta anterior, propondo que fizessem parte da Commissão os srs. H. Midosi, presidente da Secção Commercial, e secretario Pequito.

Continuando, expoz, por parte da Direcção e da Mesa, que ellas e a secretaria da Sociedade,

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

Conselheiro Silveira da Motta

Henrique de Macedo

Dr. Bernardino Machado

Francisco Palha
(Secretario)

Wenceslau de Lima

Marianno de Carvalho

prestariam á Commissão que se nomeasse todo o apoio e auxilio necessario, ractificando as primeiras, desde já, a nomeação que a Secção fizesse de quaesquer socios. Que fazia suas as observações do orador precedente, accrescentando que a Sociedade não so prestaria um novo e importante serviço ao paiz levando a Antuerpia uma exposição de productos coloniaes portuguezes, que tudo fazia esperar que fosse digna do paiz e da Sociedade, mas poupando-o ás despezas — e sobretudo, ás responsabilidades e aos riscos — que n'este momento eram grandes,— de uma concorrencia directa e official. Que este ponto era capital. Precisavamos ir educando o expositor portuguez e ir preparando as cousas, para que o paiz pudesse apresentar-se, principalmente como paiz colonial, mais digna, util e seriamente, do que ate hoje tem succedido, n'estes grandes certamens que teem uma feição essencialmente pratica, utilitaria e até politica, e como confessára o nosso digno presidente, e actual ministro do commercio, o sr. Aguiar, n'uma sessão da Sociedade, por occasião da exposição de Amsterdam, havia ainda, n'este sentido, uma larga educação e tirocinio a fazer. Que se tratasse de uma concorrencia official e directa do paiz, elle não so a não aconselharia no momento presente, mas havia de combatel-a, por entender que um paiz como o nosso, com um dominio e com uma tradição colonial como possuimos, no momento em que andamos tão calumniados e em que uma propaganda contra o nosso direito e contra a nossa capacidade colonisadora se move e organisa em toda a parte, so devia concorrer áquelle grande certamen por maneira que tivesse assegurado um dos primeiros logares á sua exposição colonial. Que não seria com 30 contos que isto se faria, e nem a escacez do tempo nem outras circumstancias, permittiam que fossemos sequer hombrear com as exposições de outros paizes muito inferiores ao nosso como potencias ultramarinas, e que a obrigação da Sociedade era resalvar confrontos e apreciações inconvenientes para o paiz. A nossa exposição não seria pois, e esta era evidentemente a base de todas as negociações e de todas as resoluções adoptadas, uma exposição colonial de Portugal, ou uma representação definitiva e official das nossas colonias, mas a exposição de uma Sociedade livre, de estudo e de propaganda, subvencionada, como não podia deixar de ser, pelo Estado. Como tal, essa exposição modesta não comprometteria o credito, o nome e o prestigio do paiz, e serviria os seus interesses. Este caracter da exposição claramente se derivava dos documentos que lera, e continha-se positivamente na acceitação do encargo por parte da Mesa da Sociedade. A assembléa applaudiu e varios membros corroboraram as declarações do orador.

Foram seguidamente approvadas a proposta do secretario Pequito, com o additamento indicado pelo sr. Luciano Cordeiro.

O sr. presidente disse que, segundo a praxe, ficava tambem fazendo parte da Commissão o sr. secretario perpetuo da Sociedade, como representante da Direcção, e convidou os membros presentes nomeados para a Commissão executiva da Exposição da Sociedade em Antuerpia, a installar a mesma Commissão.

O sr. Luciano Cordeiro pediu para dizer que o sr. Antonio de Castilho lhe communicára que entendendo conveniente que alguem fosse a algumas das nossas possessões activar e preparar convenientemente a reunião de productos, para evitar confusões e delongas, e prestando-se elle sr. Castilho a desempenhar a commissão, esta idéa era approvada pelo sr. ministro, que por deferencia com a Sociedade aguardava a respectiva sugestão d'ella. Parecia-lhe a elle orador, util e pratica a idéa, tanto mais que o sr. Castilho, que conhecia bem as nossas possessões africanas, lhe indicara uma ajuda de custo muito modesta, 600$000 a 700$000 réis, propondo se a percorrer um grande numero de localidades da costa occidental de Africa. Parecia-lhe insufficiente essa subvenção, mas em todo o caso apresentava desde já a idéa á Commissão executiva.

Encerrou-se a sessão, eram 10 horas da noite. — O secretario da Secção, *Rodrigo Affonso Pequito.*

(Conclue) *Luciano Cordeiro.*

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 DE FEVEREIRO DE 1757)

(Continuado do n.º 249)

A serie nunca interrompida de prepotencias e vexames que antecederam a sentença da alçada de 14 de outubro, abre com as instrucções dadas pelo ministro ao desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos, e tem a data de 28 de fevereiro, isto é, cinco dias de terem tido logar os tumultos e assuadas contra a Companhia dos Vinhos e os seus representantes. N'esta carta, ou officio, lê-se o seguinte significativo periodo: *Que faça comprehender* (o desembargador) *desafectamente que se acha na intelligencia de que nenhuma pessoa de graduação, ou nossa conhecida, teve parte na sublevação que vai castigar: mostrando uma geral confiança nos cidadãos e pessoas notaveis de ambos os Estados, e deitando os insultos abominaveis que foram commettidos sobre a plebe barbara, e incapaz de admittir rasão!*

Que nos dizem a isto os enthusiastas do centenario do marquez de Pombal? Deixe o juiz em paz o clero e a nobreza, e deite as culpas todas sobre a *plebe barbara, incapaz de admittir rasão*, instrucções dadas á priori e ainda quando se não sabia quem eram, e mesmo se havia reus! Previdente desde o principio, e sem conhecer ainda a fundo o alcance dos tumultos sobre que mandára instaurar processo, o marquez de Pombal, pelas duvidas, recommenda ao presidente da alçada que logo que os summarios dos primeiros reus estiverem preparados, *mande levantar seis, ou sete forcas bem altas nas praças, e nos sitios mais publicos da cidade, principiando a fazer as execuções nos logares onde foram mais atrozes os delictos!*

E, como se estas instrucções fossem ainda pouco explicitas, na mesma data, e em officio separado ao magistrado e juiz syndicante, ordena-se-lhe *que prenda os reus, ainda antes da culpa formada;* (reus!) *e que os processe em processos simplesmente verbaes, e summarissimos, pelos quaes conste de mero facto da verdade da culpa.*

Que de leis aqui não vão atropelladas! Que de arbitrariedades em tão poucas, mas tão significativas palavras! O leitor cuidará talvez que já a este tempo, cinco dias depois dos tumultos da cidade do Porto, abundavam as provas, e estas eram claras e bastantes para fazerem prova em juizo? Engana-se redondamente. Os papeis que vão servir de base ao monstruoso processo são todos insignificantes, e tambem suspeitos, exceptuando o officio de corregedor do crime, Bernardo Duarte de Figueiredo, servindo de chanceller da Relação, que acompanha tres protestos, ou como melhor nome hajam, tres papeis datados do proprio dia do motim, e que o povo na sua boa fé entregára áquelle magistrado. Os outros documentos são cartas de Luiz Bellesa de Andrade, provedor da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, e de um fulano de tal Braga, a fr. João de Mansilha, o braço direito do marquez de Pombal, no tocante aos pouco limpos negocios, que os dois amigos faziam mascarados com o patriotico intuito de rehabilitar os decadentes preços dos nossos vinhos. Munido d'esta pouco instructiva papelada, partiu para o Porto o desembargador que fora escolhido a dedo para atropellar as leis, e julgar *summarissimamente os reus em processos verbaes*, tendo por auxiliar na sanguinaria empresa o escrivão da mesma alçada José Mascarenhas Pacheco Coelho de Mello, que o sr. Soriano pinta com as mais negras cores na sua *Historia do marquez de Pombal*, julgamento que o sr. Camillo Castello Branco pende para attenuar, lançando a ferocidade que se lhe imputa á conta das instrucções directas recebidas do proprio marquez de Pombal, o que vai de accordo com o que não póde deixar de pensar quem ler o livro do *Registo geral de todas as ordens e providencias, etc.*, que o accaso nos deparou, e que senão illiba, acoberta a responsabilidade moral do presidente da alçada, podendo ter acontecido outro tanto ao escrivão José Mascarenhas que, sem ser um anjo, procedia talvez em virtude de instrucções superiores.

Durou o processo dos reus, como já dissemos, perto de oito mezes, mas era tal a soffreguidão do marquez de Pombal, em o activar e concluir de uma maneira estrondosa que, tendo já recommendado *seis ou sete forcas*, volta em officio de 3 de março a insistir no caso, dizendo, *que será mais serio e mais significativo para o povo mandar levantar as forcas de noite, e a hora em que não haja gente pelas ruas, para que amanheçam levantadas, e causem assim mais terror aos que as virem sem serem esperadas.*

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuado do n.º 248)

Não podemos, infelizmente, para não alongarmos demasiado o nosso trabalho, esmiuçar a historia do congresso geographico de 1875 e da exposição, que lhe foi tão proficuamente associada. Notaremos no entanto que, se d'esta vez não acordámos tarde, como quasi sempre nos acontece em assumptos internacionaes, nos mantivemos todavia, desde seu principio, quasi extranhos, por circumstancias a que já alludimos, á vida intima, e por assim dizer politica, d'aquelle notavel congresso.

Tarde apparecemos e como que em subitos improvisos. Se fizemos o bastante, nós os portuguezes, para nos salvarmos da vergonha que, da nossa completa ausencia, fatalmente nos derivaria, muito mais poderiamos e deveriamos ter feito, se a tempo houvessemos entrado nos serviços d'aquella exposição e conferencia, pela forma que melhor accentuasse a nossa individualidade politica e colonial. Não é á ultima hora que se tratam negocios de tanta transcendencia e magnitude, nem é dado aos homens de hoje contarem com a inspiração divina para liquidarem assumptos profanos, ainda mesmo os geographicos e internacionaes.

Por isso, em 1 de fevereiro de 1875, em quanto que no *Comité d'honneur* do congresso de Paris se contavam mais de 150 adherentes, muitos d'estes da mais alta respeitabilidade scientifica, diplomatica ou politica; em quanto que n'elle tinham representação e lugar povos como os de Salvador, Guatemala, Uruguay, Honduras, Bolivia, Colombia e outros paizes, de ordem modesta ou secundaria, que assim se affirmavam e robusteciam, cooperando, em estreito convivio com as grandes nações; para aquelle memoravel acontecimento, Portugal, preguiçoso ou descuidado como de costume, sceptico ou indifferente, abraçado aos pergaminhos da sua historia, que são ainda hoje o seu fato do presente, olvidado ou preterido, escondia no silencio, com que lá fora se emoldurava o seu nome, outr'ora tão glorioso, a lepra das *suas politicas* e, com a insensatez dos seus *arrufos* burocraticos, a sua falta de verdadeiro e vigilante patriotismo!...

Em quanto que o Brasil era representado no *Comité d'honneur* do congresso de 1875 pelo visconde de Porto Seguro, seu ministro plenipotenciario junto ao imperio austriaco, e pelo visconde de Itajuba, ministro do Brasil em França, e a Hespanha pelo general Ibanez, director do Instituto Geographico de Madrid, ninguem appareceu, por muito tempo, que lembrasse aos enviados mais selectos de tantas nações, por esta arte reunidas no antigo palacio das Tulherias, que Portugal, o velho Portugal, que tanto contribuira outr'ora para o desenvolvimento dos estudos geographicos, existia ainda, minguado mas honesto, trabalhando por constituir-se digno do seculo e do seu passado, justamente memoravel, passado a cuja indole aventurosa e guerreira procurava sensatamente contrapor, na epoca presente, o desempenho das pacificas exigencias e dos labores fecundos de uma civilisação esclarecida e amoravel!

E no entanto este congresso, mau grado os que não querem, para fins que a nossa consciencia mal entende, dar-lhe a importancia que merece, foi e é o fecho historico de todo o nosso moderno movimento geographico e dos enthusiasmos, fecundos ou nocivos que, desde então, teem caracterisado ou perseguido a nossa politica colonial, sobre tudo a africana...

D'elle derivaram logo os institutos de permutações internacionaes que, na parte que nos toca, possuem curiosissima historia, que o publico mal conhece, e a que dedicaremos algumas linhas d'esta nossa resumida chronica e, mais tarde e conjunctamente, a Commissão central permanente de geographia e a Sociedade de Geographia de Lisboa, onde aquella foi submergida por um tufão de vaidade, de preponderancias jocosamente individuaes e de tolices administrativas, que estão a pedir-nos, não o conceito imparcial, a que a nossa penna jamais se recusou, mas uma verdadeira opera comica, com coros e acompanhamentos de ministros, de deputados, de senadores, de diplomatas, de politicos e não politicos, de populares e até... de *cosinheiros!...* De tudo tem farto provimento a nossa geographia contemporanea, onde os grandes homens, nascidos de espontanea geração, desafiam, quanto a competencias e sabedorias, as melhores doutrinas de Darwin e de Pasteur.

(Continúa) *José Julio Rodrigues.*

RESENHA NOTICIOSA

B. WOLOWSKI. Ha cerca de cinco mezes que este jornalista polaco, fora accommettido de umas excitações nervosas, que o obrigaram a recolher-se

á casa de saude, Sant'Anna, n.º 1, rua Canis em Paris, dirigida pelo dr. Magnan, coadjuvado pelo dr. Legrain. Ficára o seu bello periodico, *Messager d'Occident*, a cargo de seu dedicado irmão Ladislau, muito conhecido escriptor. Mas durante esse tempo nenhuma noticia nos fora dada da doença ou melhoras do sympathico enfermo. Foi por isso para nós agradabilissima surpresa, antes de outra noticia, recebermos no dia 21 de novembro ultimo uma carta escripta e assignada pelo nosso muito amigo B. Wolowski, na qual depois de nos dizer em poucas linhas o que acabamos de relatar, accrescenta: «Sabe que todas as minhas viagens atravez da Europa, não eram de prazer, mas sim de estudo e de cuidados. O excesso de trabalho, segundo dizem todos, causou-me uma crise, que me obrigou a recolher á cama, estando hoje quasi restabelecido.» — Não só n'estes periodos, como nos mais da carta, que não transcrevemos toda, se vê que o nosso bom amigo está em periodo adiantado de restabelecimento, e que breve, com mais algum tempo de repouso o será de todo. Todos os escriptores sinceros e todos os amigos de Wolowski, que são quantos o conhecem, em Portugal, hão-de estimar esta noticia.

QUESTÃO DO ORIENTE. Como já se sabe a conferencia de Constantinopla não tem tomado grandes medidas, naturalmente por causa das vistas oppostas da Inglaterra e Russia, e reservas dos representantes das outras nações. A medida de mais alcance parece ter sido a de aconselhar a Grecia, a não progredir nos seus preparativos bellicos, o que parece estar conseguido, naturalmente tambem, porque o sultão lhe perguntou energicamente o que motivava aquelles armamentos, e fez approximar uns cem mil homens ou mais das fronteiras. O sultão e os seus ministros tem dado na presente conjunctura provas de muita habilidade, finura e não desejarem conflictos. A Servia, que estava bem preparada, juntou o seu exercito, invadiu a Bulgaria, sem motivo justo, tomou nos primeiros embates algumas posições e praças, mas á proporção que os bulgaros se foram reunindo, e carregaram sobre elles, tem recuado, batidos, commettendo atrocidades, se é certo que incendiaram a praça de Widin, que haviam tomado no primeiro impulso. O principe Alexandre declarára logo de principio a sua perfeita submissão ao sultão, e depois assegura que o armisticio só se fará quando pisar territorio da Servia. O rei d'esta, Milan, aliás assaz sympathico, perdeu com este seu procedimento parte do bom conceito que gosava. Não só se diz que, accedendo ao conselho da conferencia, acceita desde já o armisticio, mas até se diz que abdicará desgostoso. Se tal succeder poderá similhante successo levantar nova complicação, porque a Austria, impediria a subida ao throno do principe Karajorgewitch, descendente do famoso Karajorge.

KRASEWSKI. O velho poeta polaco Alexandre Krasewski, que, ha um anno e tanto fora nos tribunaes allemães condemnado por conspirador com a França contra a Allemanha, accusação considerada malevola, attenta a idade e circumstancias pessoaes do famoso poeta, foi afiançado, por pedido de uma princeza italiana e influencia do rei de Italia, para poder vir passar a estação invernosa n'este paiz, afim de alliviar os seus padecimentos.

TRISTES COINCIDENCIAS. Poucas horas depois de haver fechado os olhos á luz da vida o malogrado Affonso XII, ultimo rei de Hespanha, o gelo da morte feria para sempre o marechal Serrano, duque de la Torre, que depois de ter sido por muitos annos o valido de sua mãe, fora o primeiro e principal instrumento da elevação d'aquelle ao ao throno de Isabel a Catholica. Da mesma maneira quando Amadeu I punha o pé na terra hespanhola, cahia ferido pela mão dos assassinos o valente general Prim, que fora o principal fautor d'aquelle sympathico rei.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA... *Lisboa, Imprensa Nacional 1885*. 5.ª série n.º 4. Encerra um estudo muito interessante do sr. A. F. Nogueira, o auctor da *Raça Negra*, intitulado: *O lu'n kumbi (dialecto do grupo o'n Cundo que se fala no interior de Mossamedes)*. Este es-

Á MORTE DE NAPOLEÃO

(CINCO DE MAIO)

Morreu; bem como gelido,
Sem voz, sem movimento,
Ficou seu corpo exanime,
Orphão de tanto alento,
Assim ferida, attonita
Co'a nova a terra está,
Muda, na hora ultima
Do homem fatal pensando;
Nem sabe se outro egregio
Virá, como elle, e quando
Seu pó, de sangue humido,
Como elle, pisará.

Brilhante o viu no solio
O genio meu, cahido
Depois, depois no imperio,
Depois emfim vencido,
E do universo ao fremito
Sua voz unir não fez.
Virgem de servo encomio,
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido,
Tão de repente occulto,
E solta á morte um cantico,
Que é do porvir talvez.

Dos Alpes ás Pyramides,
Do Rheno ao Manzanares,
Raio, o veloz relampago
Seguiu, rasgando os ares;
Troou de Scylla ao Tanais,
De um mar a outro mar.
Foi verdadeira gloria?
Aos tempos a sentença.
Nós do Senhor curvemo-nos
Á potestade immensa,
Que n'elle quiz a maxima
Sua obra apresentar.

O procelloso e trepido
Prazer d'uma alta empreza,
A ancia de um peito indomito
Que sonha a realeza,
E a ganha, e alcança um premio
Que era loucura esp'rar,
Tudo provou: a gloria
Maior depois do p'rigo,
A fuga e a victoria,
O throno e o exilio imigo,
No pó duas vezes, prospero
Duas vezes sobre o altar.

Appareceu; dois seculos,
Um contra o outro armado,
Para elle olharam timidos,
Como aguardando o fado;
Calae-vos, disse, e arbitro
Entre ambos se foi pôr.

Despareceu, e, em ocio,
N'uma ilha só no mundo,
Findou, alvo continuo
Da inveja e dó profundo,
De inextinguivel odio,
E de indomado amor.

Qual sobre a fronte ao naufrago
Se enrola e cae pesada
A vaga, d'onde o misero,
Co'a vista alta, alongada,
Buscava em torno ávido
Praia longinqua em vão,
Tal n'aquella alma o cumulo
Tombou de mil memorias.
Oh! quanta vez aos posteros
Tentou narrar suas glorias,
E nas eternas paginas
Cahiu sem força a mão!

Oh! quantas no fim tacito
De um dia sem proveito,
No chão o olhar fulmineo,
Os braços sobre o peito,
Inteiro o seu preterito
Viu de repente erguer.
Lembrou as tendas moveis,
O accommetter dos vallos
Do aço o brilho tremulo,
As ondas dos cavallos,
E o concitado imperio,
E o prompto obedecer.

Ai! a tamanha magua
Cedeu talvez afflicto,
E desesp'rou; mas valido
Braço desceu bemdito,
E para outro ar mais limpido,
Piedoso o transportou;
E pelas sendas flóridas
O conduziu da esp'rança
Ao campo eterno, ao premio
Que mais que o anhelo alcança,
Onde é negror, silencio
A gloria que passou.

Fé immortal, benefica,
De palmas bella e ufana,
Colhe mais esta; alegra-te,
Que nunca outra mundana
Grandeza egual do Golgotha
Á affronta se humilhou;
Exulta, e o resto inanime
Preserva da maldade;
Quem mata, e abre os tumulos,
Quem pune, e tem piedade,
Deus, do seu leito funebre
Ao lado se assentou.

J. RAMOS COELHO.

(IL CINQUE MAGGIO)

Ei fu; siccome immobile,
Dato il mortal sospiro,
Stette la spoglia immemore,
Orba di tanto spiro,
Cosi percossa, attonita,
La terra al munzio sta,
Muta, pensando all'ultima
Ora dell'uom fatale;
Nè sa quando una simile
Orma di piè mortale
La sua cruenta polvere
A calpestar verrà.

Lui sfolgorante in soglio
Vide il mio genio e tacque,
Quando con vece assidua
Cadde, risorse e giacque,
Di mille voci al sonito
Mista la sua non ha:
Vergin di servo encomio
E di codardo oltraggio,
Sorge or commosso al subito
Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico,
Che forse non morrà.

Dall'Alpi alle Piramidi,
Dal Mansanare al Reno,
Di quel securo il fulmine
Tenea dietro al baleno;
Scoppiò da Scilla al Tanai,
Dall'uno all'altro mar.
Fu vera gloria? ai posteri
L'ardua sentenza; nui
Chiniam la fronte al Massimo
Fattor, che volle in lui
Del creator suo spirito
Più vasta orma stampar.

La procellosa e trepida
Gioja d'un gran disegno,
L'ansia d'un cor, che indocile
Ferve pensando al regno,
E'l giunge, e tiene un premio
Ch'era follia sperar,
Tutto ei provò; la gloria
Maggior dopo il periglio,
La fuga, e la vittoria,
La reggia, e il triste esiglio,
Due volte nella polvere,
Due volte su gli altar.

Ei si nomò: due secoli,
L'un contro l'altro armato,
Sommessi a lui si volsero
Come aspettando il fato:
Ei fè silenzio, ed arbitro
S'assise in mezzo a lor;

Ei sparve, e i dì nell'ozio
Chiuse in sì breve sponda,
Segno d'immensa invidia,
E di pietà profonda,
D'inestinguibil odio,
E d'indomato amor.

Come sul capo al naufrago
L'onda s'avvolve e pesa,
L'onda su cui del misero
Alta pur dianzi e tesa
Scorrea la vista a scernere
Prode remote invan;
Tal su quell'alma il cumulo
Delle memorie scese;
Oh! quante volte ai posteri
Narrar se stesso imprese,
E sulle eterne pagine
Cadde la stanca man!

Oh! quante volte al tacito
Morir d'un giorno inerte,
Chinati i raí fulminei,
Le braccia al sen conserte,
Stette, e dei dì che furono
L'assalse il sovvenir.
Ei ripensò le mobili
Tende, e i percossi valli,
E il lampo dei manipoli,
E l'onda dei cavalli,
E il concitato imperio,
E il celere obbedir.

Ahi! forse a tanto strazio
Cadde lo spirto anelo;
E disperò; ma valida
Venne una man dal cielo,
E in più spirabil aere
Pietosa il trasportò;
E l'avviò su i floridi
Sentier della speranza,
Ai campi eterni, al premio
Che i desiderii avanza,
Ov'è silenzio e tenebre
La gloria che passò.

Bella, immortal, benefica
Fede ai trionfi avvezza,
Scrivi ancor questo; allegrati:
Che più superba altezza
Al disonor del Golgota
Giammai non si chinò.
Tu dalle stanche ceneri
Sperdi ogni ria parola;
Il Dio che atterra e suscita,
Che affanna e che consola,
Sulla deserta coltrice
Accanto a lui posò.

ALEXANDRE MANZONI.

tudo comprehende a parte grammatical do referido dialecto, com muitas notas, observações e reflexões importantes, e conclue com um vocabulario muito curioso, onde não só se encontram palavras seccas, mas algumas expressões que com ellas se formam. Com este boletim foi distribuida uma carta da provincia de Angola e outra, *esboço da Africa austral,* contendo a travessia de Capello e Ivens.

Almanach republicano para 1886, por J. Carrilho Videira, Lisboa. É o decimo segundo anno de publicação d'este almanach. Insere artigos de merecimento e alguns retratos de notabelidades do partido republicano com biographias.

A Moda. Publicação trimensal illustrada com figurinos de chapeus, fabricados na grande fabrica de chapeus dos srs. Costa Braga & Filhos, no Porto.

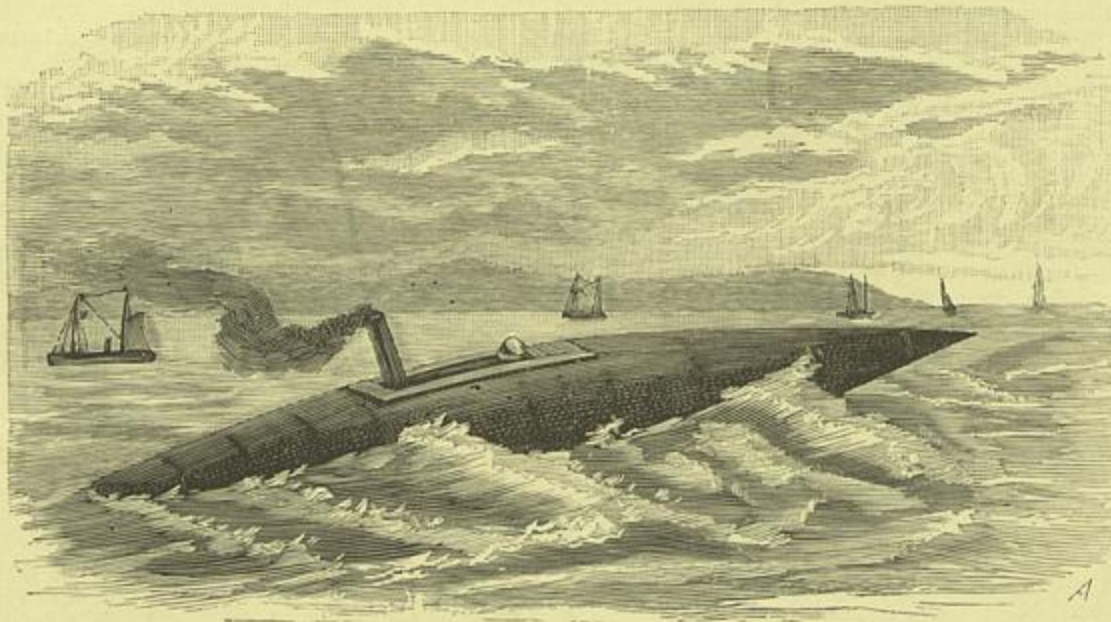
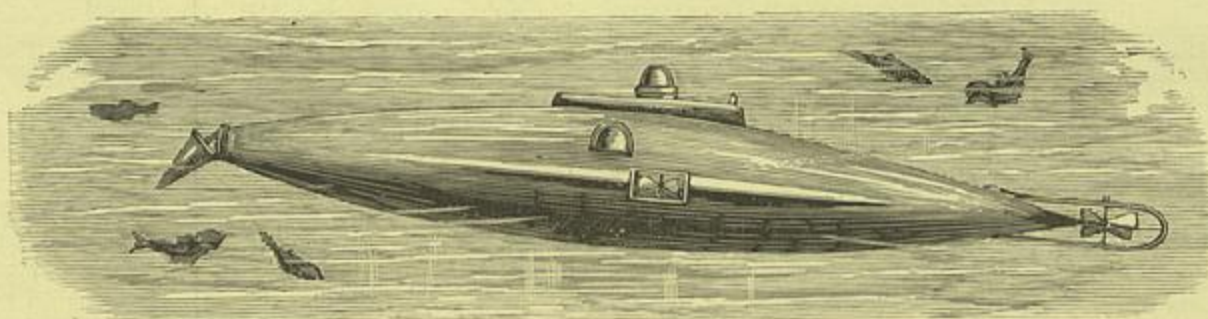
Os traidores de Jesus, por Costa Carvalho, editor Joaquim Antunes Leitão, Porto. Um folheto de 32 paginas. O auctor que, revela talento, procura imitar Guerra Junqueiro, na forma e no assumpto dos seus versos. O auctor é ainda joven, e portanto, estamos certos que virá a adquirir com o tempo formas proprias e mais conhecimento de causa.

Almanach Illustrado, de Francisco Pastor, director litterario Julio Menezes. Um livrinho muito bonito que nos visita ha quatro annos e que nos revela o merecimento dos seus auctores.

Les affaires espagnoles, *hispano-coloniales, portugaises et sud-americaines,* de 5 de novembro ultimo. Ha muito que nos não chegava á mão esta interessante publicação financeira e não admira essa irregularidade, porque d'este n.º 11 recebemos dois exemplares.

As esporas do alferes, por M. Angelica de Andrade, livraria editora de Joaquim José Bordalo, Lisboa. É o titulo de uma bonita comedia, publicada agora, e que é ao mesmo tempo uma commemoração posthuma, pois que a sua auctora, uma poetisa distincta de que correm impressos dois bellos volumes de versos *Reverberos do poente* e *Rimas Selectas,* já faleceu ha tres annos.

Cancioneiro musical portuguez, por G. R. Salvini, David Corazzi, editor, Lisboa. Concluiu com o fasciculo 40 a publicação d'esta obra musical e poetica, que já aqui temos recommendado aos nossos leitores como obra de muito apreço. Com o ultimo fasciculo foi distribuida como brinde, uma linda capa de percaline executada na officina de encadernação do sr. Corazzi, para ancadernar o livro, conforme fôra promettido aos assignantes

ARTE DA GUERRA — TORPEDEIRO SUBMARINO NORDENFELDT

O Torpedeiro navegando á superficie d'agua

O Torpedeiro navegando debaixo de agua e disposto a lançar o torpedo

Bibliotheca do povo e das escolas... *David Corazzi, editor. Administração rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil, 38, rua da Quitanda Rio de Janeiro.* Está publicado o fasciculo 117. *Vinhedos e Vinhas, divagações scientificas,* pelo professor Rodrigo de Boaventura Martins Pereira. O nome do illustre professor, infelizmente sequestrado ao ensino, por uma fatal doença, é garantia sufficiente da importancia das suas vistas e observações relativas a tão momentoso assumpto.

Traços geologicos da Africa Occidental Portugueza, *por José de Anchieta, Benguella, typographia Progresso, 1885.* Opusculo de 12 paginas, tendo a singularidade de ser nitidamente impresso, o que não é vulgar succeder nas nossas colonias. Em poucas paginas dá o nosso velho amigo e collega uma noção sobre a geologia da provincia de Angola, subsidio importante, ministrado por quem ha tantos annos a percorre como naturalista, e a conhece a fundo.

Interior do Torpedeiro, corte vertical

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.